



ETNOECOLOGIA DOS PEIXES DO RIO RATONES, FLORIANÓPOLIS, SC.

Donnini, M.C.; Hanazaki, N.

Universidade Federal de Santa Catarina, Laboratório de Etnobotânica e Ecologia Humana.
marina_donnini@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Estudos de ecologia humana são apropriados quando se trata de analisar as interações entre populações humanas e os recursos naturais (Begossi, 2004). O estudo das interações e inter-relações que os grupos humanos estabelecem e mantêm com os peixes é feito por meio da etnoictologia (Souza & Barrella, 2004), que contribui, através do conhecimento popular, para o descobrimento de novas espécies, estudo do comportamento dos peixes e conservação da biodiversidade. A etnoecologia contribui com o estudo do conhecimento ecológico tradicional ou local sobre tais recursos.

A Estação Ecológica de Carijós foi criada em 1987 com o objetivo principal de conservar áreas de manguezal, entre elas, a bacia do rio Ratonas, em Florianópolis. Partindo do princípio de que o conhecimento dos pescadores artesanais do rio Ratonas sobre os peixes representa importante recurso e ferramenta essencial para o manejo e conservação da unidade, considera-se seu registro de fundamental importância. Objetiva-se neste trabalho investigar o conhecimento ecológico local sobre a sazonalidade e abundância das espécies de peixes do rio Ratonas, além de comparar o conhecimento ecológico local com o conhecimento científico em relação ao comportamento alimentar dos peixes.

MATERIAL E MÉTODOS

Os dados foram coletados de set/2006 a fev/2007, através de entrevistas semi-estruturadas (n=39) e de oficinas para análise cognitiva e confecção de cadeias tróficas com os pescadores. As entrevistas foram feitas através de visitas domiciliares, transcritas para documento digital e posteriormente organizadas em tabelas para análise dos dados.

As oficinas foram realizadas com dez pescadores, selecionados de acordo com o interesse

demonstrado nas entrevistas. Foram mostradas aos pescadores figuras de todos os peixes citados durante as entrevistas e etiquetas com os nomes populares para associação com as figuras. Uma investigação mais detalhada focou dez desses peixes, considerados pelo grupo de pescadores como os mais abundantes. Foi montada uma matriz com informações sobre a frequência e abundância dos peixes em cada mês do ano. Para a construção da cadeia trófica foi feito, em conjunto com os pescadores, um quadro de interações tróficas com as figuras. Posteriormente foi comparado o resultado do conhecimentoêmico (saber local) sobre tais espécies com o conhecimento científico-acadêmico, baseado em literatura especializada.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram citados 33 nomes populares de peixes, sendo os principais: tainhote, robalo, tainha, bagre, parati, corvina, camarão e cará. Os peixes considerados mais abundantes ao grupo de pescadores que participou das oficinas foram: cascote, cará, bagre, linguado, tainha, robalo, carapeva, iguaçu canhanha e cara-amarela.

Nas oficinas, os participantes se confundiram em relação a algumas espécies, e isto deve ter ocorrido por serem mostradas figuras dos peixes ao invés de amostras coletadas. Segundo os pescadores, a figura do *Mugil platanus* é o cara-amarela (sinônimo de parati), enquanto na literatura é a tainha. O cara-amarela, segundo a literatura, é *Mugil curema*, que para os pescadores é o iguaçu. Não foi encontrado na literatura científica nenhum peixe com o nome popular "Iguaçu". O carapeva (*Diapterus rhombeus*) foi chamado pelos pescadores de caratinga e foi dito que não havia a figura da carapeva (Menezes & Figueiredo, 1980; 1985; Marcon, 2000; Fishbase, 2007).

Os resultados das entrevistas e da oficina foram coincidentes quanto à alimentação dos peixes. Peixes carnívoros (robalo, bagre, cascote, carapeva e canhanha) se alimentam de peixes miúdos,

manjuva, camarão, lula, tatuíra, além de algas, areia, lama e limo. Os demais peixes (cara-amarela, tainha, iguaçu, cará e linguado) se alimentam, segundo os pescadores, basicamente de areia, lama e limo. A literatura utilizada para comparação (Figueiredo & Menezes, 1978; 1980; 2000; Menezes & Figueiredo, 1985) cita de forma mais geral a dieta dos peixes, mencionando pequenos invertebrados, pequenos peixes e matéria vegetal. A alimentação de alguns peixes coincidiu entre o conhecimento dos pescadores e o conhecimento científico, com exceção do linguado (*Etropus intermedius*) e do bagre (*Netuma barba*). O linguado alimenta-se, segundo a literatura, de poliquetas e pequenos crustáceos (Figueiredo & Menezes, 2000), porém aos pescadores ele não é considerado um peixe carnívoro. O bagre, segundo os pescadores, “come de tudo”, mas na literatura foi encontrado que ele alimenta-se de moluscos, crustáceos e outros invertebrados marinhos de fundo (Figueiredo & Menezes, 1978). A maior ocorrência dos peixes no rio, tanto nas entrevistas, como nas oficinas, é durante os meses mais quentes, apesar deles aparecerem praticamente durante o ano todo, com exceção da canhanha que não aparece no inverno e da tainha que aparece apenas durante os meses frios.

O linguado, a carapeva, o bagre e o cascote foram considerados pelos pescadores como pouco frequentes nos meses de outono e inverno, enquanto na literatura são considerados bastante frequentes nesta época (Marcon, 2000). O peixe considerado o mais abundante no ano todo foi o cara-amarela. Marcon (2000) considera que os peixes mais abundantes do rio Ratones são os da família Engraulidae (manjuvas), que não foram citados pelos pescadores, talvez por serem considerados peixes miúdos e não apresentarem importância econômica. Johannes et al. (2000) apontam que as melhores oportunidades para a investigação científica posterior são quando ocorrem discordâncias entre o conhecimento dos pescadores e o científico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Begossi, A. 2004.** Ecologia Humana. In: Begossi, A. (Org.). Ecologia de pescadores da mata atlântica da Amazônia. Editora Hucitec. São Paulo: Nupaub-USP.
- Figueiredo, J.L.; Menezes, N.A. 1978.** Manual de peixes marinhos do sudeste do Brasil: II. Teleostei (1). São Paulo: Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo.
- Figueiredo, J.L.; Menezes, N.A. 1980.** Manual de peixes marinhos do sudeste do Brasil: III. Teleostei (2). São Paulo: Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo.
- Figueiredo, J.L.; Menezes, N.A. 2000.** Manual de peixes marinhos do sudeste do Brasil: VI. Teleostei (5). São Paulo: Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo.
- Fishbase. 2007.** <http://www.fishbase.org/search.php>. Acessado em maio de 2007.
- Marcon, E.D. 2000.** Comunidade ictíica do estuário do rio Ratones, florianópolis, brasil. TCC. UFSC
- Menezes, N.A.; Figueiredo, J.L. 1980.** Manual de peixes marinhos do sudeste do Brasil: IV. Teleostei (3). São Paulo: Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo.
- Menezes, N.A.; Figueiredo, J.L. 1985.** Manual de peixes marinhos do sudeste do Brasil: V. Teleostei (4). São Paulo: Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo.
- Souza, M.R.; Barella, W. 2004.** Etnoictiologia dos pescadores artesanais da estação Ecológica Juréia-Itatins (São Paulo, Brasil). In: DIEGUES, A.C. (Org.) Enciclopédia Caiçara. Vol. 1. São Paulo: Nupaub-USP.